

03 OUT 1994 O Brasil de hoje

ESTADO DE SÃO PAULO

O "Brasil de amanhã" pode esperar — ele está aí e ganhará momento a partir desta semana se a parada se decidir no primeiro turno. Qualquer das hipóteses, primeiro ou segundo, o País continuará prisioneiro da estranha percepção que veio tendo da realidade a partir do momento em que se verificou que o modelo de capitalismo de Estado burocrático tupiniquim não tinha como sobreviver. Essa percepção é a negação da Ordem que todos desejam triunfante: "esqueçamos o Estado, como na Itália, e deixemos a economia progredir sozinha." Ao separar-se do Estado, o Partido da Ordem não se apercebeu de que cortava o galho em que sempre sentou — pela simples e boa razão de que sem

Estado forte pelas leis que se aplicam e sem Governo que funcione, atendendo a um mínimo das expectativas da população, não há por que nem como sustentar a Ordem. A crise do Estado é a crise do Partido da Ordem; tragicamente, é também a crise do Partido da Revolução, que poderá ter de enfrentar a dramática realidade da revolução que deborará as balisas bem delineadas pelas quais alguns de seus membros pretendiam conduzi-la a uma nova ordem. O candidato do PT

falando na necessidade da reforma tributária, na *Globo*, era o sinal evidente de que o Partido da Revolução acordara para a realidade do Estado, que só pode destruir depois de ocupar...

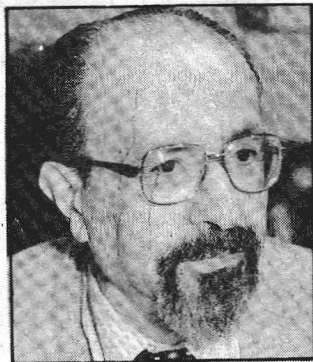
O Brasil de hoje, 3 de outubro — 64 anos depois que o assalto a um quartel do Exército em Porto Alegre deu início à grande frustração de 30 —, é o símbolo de todos os contrastes que vêm marcando a história do País. É a repetição de 1960 neste sentido de que nunca, desde o confronto Jânio versus Lott, a divisão do País em dois campos se fez tão nítida em termos eleitorais. O terceiro lugar (estatisticamente irrelevante) de Enéas deve ser tomado como o ponto extremo da bipartição — e seria bom que aqueles que vêm nele o "neofascista" não se esquecessem de que o que caracterizou o fascismo nos anos 20 e 30 foi ser o ponto de encontro

do que a direita e a esquerda tinham de mais radicalmente contrários à *ordem burguesa* e ao internacionalismo proletário, para não dizer ao *cretinismo parlamentar* socialista. À medida que a partir de hoje o processo político e social ganhar momento — o processo econômico se está dando sem quem o dirija intelectual e politicamente —, os que estão contra o sistema representado pelas demais candidaturas tenderão a formar com quem seja capaz de atender às suas aspirações mal-expressas porque até certo ponto inconscientes: estarão com a Autoridade. Pois não é *autoridade e ordem* (ordem na classe, sem discussão de política) que lhes promete o professor? Fernando Henrique Cardoso e Luiz

Inácio Lula da Silva talvez não saibam, mas terão de fazer os trens chegar e saírem no horário — pois um deles vai governar um País autoritário na essência, libertino (*sejã como libertinus no latim, relativo a escravo liberto, seja como evoluiu para liberto de quaisquer peias*) na aparência, o autoritário e o libertino anelando a que a Estado constitucional, a lei e a ordem se imponham a todos, talvez menos a eles próprios.

Saberá, o eleito das Fúrias, que seu

governo não se apoiará sobre "grupo suporte algum", como definiria Hermann Heller? Que terá de deitar os dormentes e os trilhos à medida que o comboio da esperança for andando, a cada instante político mais depressa? Que encontrará pela frente uma Constituição impeditiva da reconstrução do Estado, mas ao mesmo tempo garante imbatível do país libertino? O Brasil de hoje vive o paradoxo que sempre esteve na raiz das revoluções: qualquer que seja o eleito, terá de proceder às grandes transformações se tiver um mínimo de gosto pelo Poder e prazer de ver-se retratado pela História. Ao fazê-lo, um dia será obrigado a jogar o tudo pelo tudo — e Deus impeça que seja obrigado a atender ao reclamo dos 6% que querem que os trens cumpram o horário e que nas classes não se discuta mais política.



■ Oliveira S. Ferreira é diretor do "Estado"

Nunca, desde o confronto Jânio versus Lott, a divisão do País em dois campos se fez tão nítida